

Cresce o número de mortes por tabaco na AL

Alerta foi feito por diretora da OMS durante divulgação de relatório da Organização Pan-Americana de Saúde

Ministros da Saúde de 35 países das três Américas participaram ontem da abertura da 25.ª Conferência Sanitária Pan-Americana, em Washington, Estados Unidos. Promovido pela Organização Pan-Americana de Saúde (Opas), o encontro discutirá desde o combate à aids, ao tabagismo e à mortalidade de parturientes, por meio de políticas que aumentem a equidade no atendimento, até o impacto do El Niño no continente. O ministro da Saúde da Argentina, Alberto Mazza, foi eleito para presidir a conferência.

Na abertura do encontro, a diretora-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Gro Harlem Brundtland, afirmou que o tabaco se está convertendo rapidamente na principal causa de morte na América Latina. A secretária da Saúde dos Estados Unidos, Donna Shalala, destacou os esforços de seu país para combater o crescente consumo de cigarros entre os jovens.

O centro das discussões da conferência será o relatório quadrienal da Opas, elaborado com dados oficiais de 1995 (alguns de 1997). Segundo o informe, a situação da saúde continua melhorando no continente graças à luta

contra as doenças contagiosas e à redução da mortalidade infantil, embora as Américas concentrem metade dos 1,7 milhão de pessoas do mundo que têm aids. Esses números devem-se, segundo o relatório, ao "excelente sistema de notificação montado". A esperança de vida na América Latina e no Caribe passou de 68,7 anos, no início dos anos 80, para 71,1 anos hoje. O relatório informa que a tuberculose e a cólera reapareceram depois de quase um século de erradicações.

Obesidade - A desnutrição infantil está perdendo espaço para outro problema de saúde ligado diretamente à alimentação: a obesidade. Para cada quatro crianças desnutridas, havia um obeso em 1975. Essa proporção caiu à metade (2 para 1) 14 anos depois, em 1989. Nesse mesmo período, a proporção de adultos obesos subiu de 5,7% para 9,6%. Os

resultados das campanhas de vacinação são destacados pelo diretor de Imunizações da Opas, Ciro de Quadros. "Conseguimos erradicar a poliomielite em 1991", observa.

O relatório assinala, entretanto, um aumento recorde nos casos de dengue, 175 mil, em 1996. Segundo o ministro da Saúde, José Serra, a doença cresceu por causa da irregularidade nos repasses de recursos. Segundo ele, o problema foi contornado. "A preocupação é a tuberculose, que pode crescer", afirma Serra, anunciando que o combate à doença passa a ser uma prioridade.

O documento indica que os índices de mortalidade no Brasil, sobretudo de menores de 5 anos, têm diminuído. Entre 1980 e 1994, a mortalidade de menores de 1 ano caiu de 24% para 9,8%. Metade das mortes nessa faixa etária concentra-se no Nordeste. Na faixa de 1 a 4 anos, a redução foi de 4,6% para 1,7%. O relatório registra ainda o aumento da mortalidade entre adultos com mais de 50 anos: de 48,4% para 62,4%, entre 1980 e 1994.

Segundo a Opas, as enfermidades cardiovasculares são responsáveis pelo maior número de mortes, 33,9% do total. A seguir vêm as le-

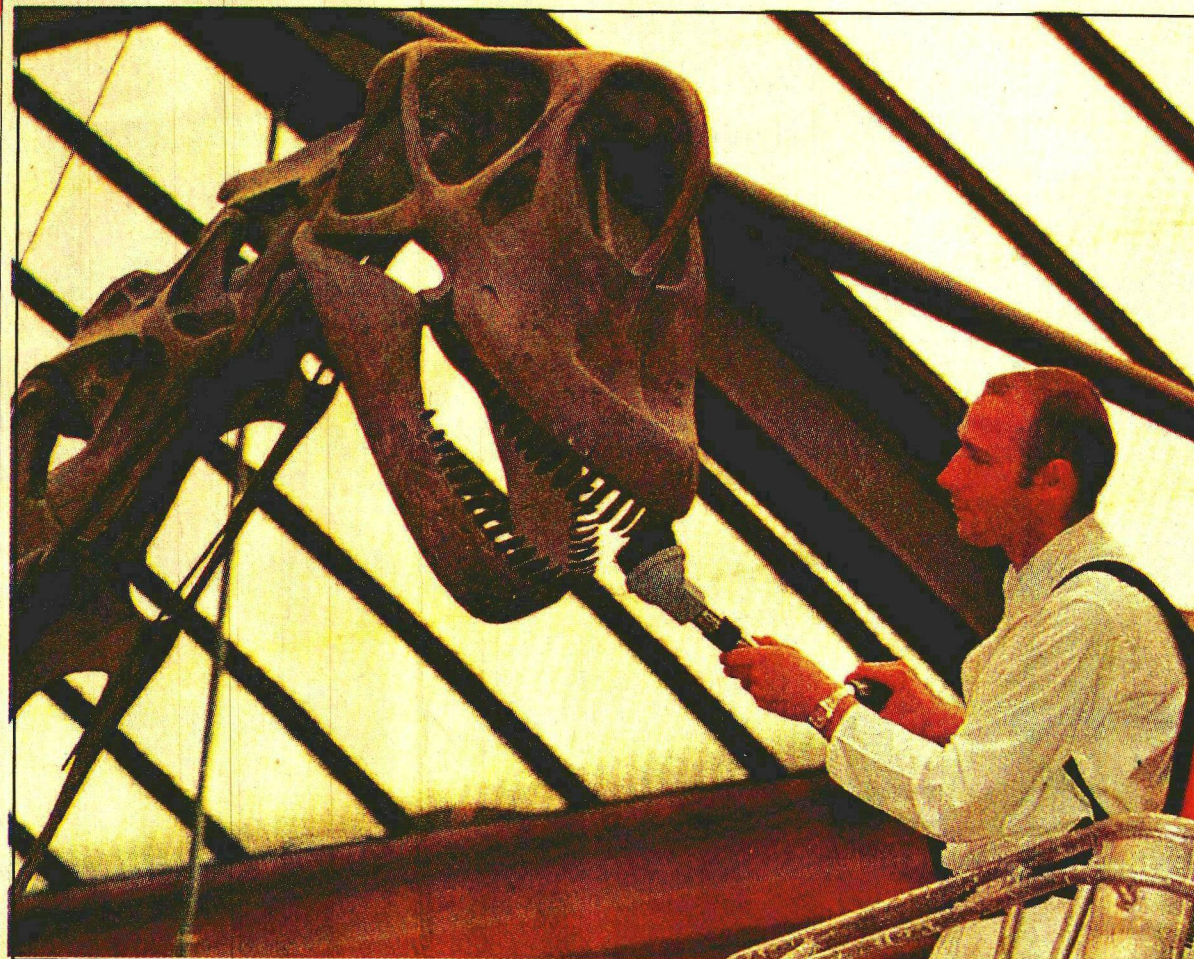
sões, envenenamentos e homicídios, que nos centros urbanos respondem por 14,8% do total. Em terceiro lugar está o câncer, que, entre 1990 e 1994, causou 13% dos óbitos. Nos homens, os três tipos da doença que

mais matam são os de estômago, pulmão e próstata. Nas mulheres, o mais freqüente é o câncer de mama, seguido pelo de colo do útero.

A taxa de mortalidade materna caiu de 156 para 114,2 por cem mil nascidos vivos, entre 1982 e 1991. Entre esses óbitos, 12% ocorreram em consequência de aborto. No caso da mortalidade infantil, porém, as desigualdades regionais são determinantes: no Nordeste, a taxa foi de 64 óbitos por mil nascidos, mais de duas vezes acima do que no Sul, onde foram registradas 25 mortes por mil.

Segundo o relatório, 19 milhões de brasileiros vivem em áreas consideradas de risco de transmissão da malária. A região amazônica concentrou mais de 99% dos 444.049 casos notificados em 1996. Os Estados mais afetados foram Pará, Amazonas e Rondônia. (Simone Mateos, Sandra Sato, Sônia Cristina Silva e Demétrio Weber)

PALEONTOLOGIA



Reuters

Dentes limpos

Cerca de 150 milhões de anos após a sua extinção, o Brachiosaurus brancai recebe uma limpeza profissional em seus dentes. O es-

queleto do animal com 12 metros de altura e 23 metros de comprimento, que está no Museu de História Natural de Berlim, é o maior já en-

contrado até agora. O funcionário do museu utiliza um aspirador industrial especial para limpar a dentadura do dinossauro. (Reuters)

ENCONTRO DISCUTIRÁ POLÍTICAS PARA CONTINENTE